

Núcleo de Estudos sobre Gênero, Linguagens e Literatura – GET/IFRO

Autorretratos

Escrevendo novas páginas no mundo pós 2020

Coletânea de poemas



Temática
EDITORA



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

Auto-retratos

Autorretratos

Escrevivendo novas páginas no mundo pós 2020



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

Organização

Núcleo de Estudos sobre
Gênero, Linguagens e
Literatura – GET/IFRO

1ª edição

Temática Editora
Porto Velho – Rondônia, 2022

© Núcleo de Estudos sobre Gênero,
Linguagens e Literatura – GET/IFRO



Temática Editora | CNPJ: 07.835.363/0001-96
Rua Prudente de Moraes, 2421 Centro Porto Velho-RO
(69) 9.9246-7839 info@tematicaeditora.com.br

Comissão Técnica

Abel Sidney
Preparação de originais e revisão

Rogério Mota
Capa e diagramação

Carolina Pontieri, Laura de Paula e Romus
Ilustrações

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A956

Autorretratos : escrevendo novas páginas no mundo pós 2020 / organização
Núcleo de Estudos sobre Gênero, Linguagens e Literatura – GET/IFRO. - 1. ed. -
Porto Velho [RO] : Temática, 2022.
132 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-87350-49-3

1. Poesia brasileira. I. Núcleo de Estudos sobre Gênero, Linguagens e
Literatura – GET/IFRO. II. Título.

22-77439

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Nossos agradecimentos ao apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (PROPESP/IFRO) na impressão desta obra. Integramos o grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologia-GET/IFRO, mais especificamente o Núcleo de Estudos sobre Gênero e Literaturas. Servidores (as) do IFRO: Rosália, Janaína, Elaine, Solimária, Cledenice e Dennis. Egressas da Instituição: Patrícia, Laura e Alyne. Poeta Nilza e docentes da Universidade Federal de Rondônia-UNIR: Zuila e Geane.

Sumário

Apresentação 7

PARTE I – Amostras

Anotações pandêmicas 15

O ano sem ar 17

Da minha boca: gratidão 19

Laço e entrelace 23

Autorretrato de uma ancestralidade recuperada na pandemia 26

O tempo pandêmico 29

I 31

Aconchego de vó 33

Despensando 37

O ventre de Gaia gera rosas 39

PARTE II – Autorretratos em versos

Alyne Aparecida Nunes dos Santos 42

Carolina Pontieri 46

Cledenice Blackman 50

Dennis Weber 54

Elaine Márcia Souza Rosa 62

Francisca Lusía Serrão Ferreira 76

jjana leite 82

Laura de Paula 92

patthy pds 96

Rosália Aparecida da Silva 110

Solimária Lima 120

Zuila Guimarães Cova dos Santos 128

Apresentação

Remir o tempo pelas reminiscências

Geane Klein¹

A pandemia nos alcançou no pandemônio. E nós que já estávamos menos felizes, ficamos cada dia mais tristes. As perdas, as dores, os medos, o cansaço. Quiseram falar em novo normal, como se fosse normal saber que há melhores saídas, mas preferimos o catatônico. De repente, aqueles filmes clichês de apocalipse pareciam retratos de um hoje distópico no qual os zumbis vagam sem rumo e inertes assistem a tudo se despedaçar.

Como ficar a salvo em meio a isso tudo? Perguntávamo-nos exaustos e desacreditados. E eis que a arte, a literatura, a cultura desabrocharam

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp. Atualmente é Professora Adjunto I da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

por entre paredes rachadas, sobre muros caídos, no chão batido e na poeira que sobe apenas para nos lembrar que ainda existe vida e que vale a pena lutar por ela. E mesmo aqueles que sempre gostaram de lembrar sobre a inutilidade da arte e da literatura, viram-se por elas resgatados.

A pandemia roubou o futuro de todos de algum modo: dos que partiram prematuramente, e nem puderam se despedir; e dos que ficaram sem poder dizer adeus e sem saber o que esperar do porvir. Infinitos hojes de horas infindas não nos levaram à completa insanidade porque, em algum lugar, uma música tocava; uma obra de arte chamava à atenção; um filme permitia-nos algum relaxamento ou um livro nos transportava para outro lugar. Em um mundo onde os amores de alguém viraram apenas números ou vetores em gráficos, algo precisava nos lembrar sobre nossa essência humana.

E foi assim que a palavra e seu poder curativo, libertário, de resistência encontrou cada uma das pessoas que imprimiram na escrita desta obra as significâncias de suas vivências, traduzindo na palavra os (des)amores e dores sentidas; as ausên-

cias vividas; as cores que se foram desbotando dia após dia em uma longa espera pelo renascer; a antevisão de dias melhores, de superação, de transformação. Nas páginas deste livro vemos a vida escrita pelas vivências de pessoas que enfrentaram a seus modos o presente e o passado e, sobretudo, ousaram sonhar o amanhã. Elas, como cada um de nós, adentraram 2022 com o forte desejo de superação de 2020-1 – o ano mais longo e triste por nós vivido.

As vivências, sensações e memórias impressas nas palavras que compõem este livro ajudam-nos a manter presente a memória daqueles dias para que não voltem a nos assombrar no futuro. O passado não passou, nem deve ser esquecido: é preciso lembrar para não repetir. Lembrar para não esquecer quem somos, quem fomos, quem queremos ser. Lembrar com a sensibilidade necessária que a veia poética nos permite. Lembrar dos que já foram, dos que ficaram, dos que virão. Lembrar para resistir. Lembrar através das reminiscências e sensibilidades de Alyne Santos; Carolina Pontieri; Cledenice Blackman; Dennis Weber; Elaine Márcia; Francisca Lusía, jjana leite; Laura

de Paula; patthy pds; Rosália Silva; Solimária Lima e Zuila Santos. Vozes singulares, mas que também poderiam ser minhas (será que não são?). Ou suas. Ou nossas. Porque as dores e anseios se refletem em todas as pessoas humanas. Humanas, demasiadamente humanas.

Convido-o a compartilhar das reminiscências e dialogar com esse coletivo de vozes, ao mesmo tempo plurais e únicas, para que possamos, enfim, remir o tempo e usá-lo com sabedoria; sonhar com o futuro; esboçar novos sorrisos; olhar com carinho para as boas lembranças do passado e com tristeza por tanta vida perdida. Que possamos esperar, sem esquecer do que tornou os nossos dias nublados, pesarosos, difíceis, por vezes (quase) insuportáveis. A dor sentida e até a raiva guardada são bom combustível para os enfrentamentos necessários, as ousadias transformadoras – use-as! E quando tudo estiver pesado demais, as mãos estendidas nesta obra estarão prontas para segurar as mãos daqueles que se atreverem a penetrar surdamente neste reino habitado por escrevivências. Sinta-se abraçado, entrelaçado, compelido, inquirido, incomodado, chacoalhado pelas palavras

e imagens que aqui transbordam, exalam, sussurram e gritam a você. Enquanto houver vida, enquanto houver poesia, enquanto houver sonho e audácia, enquanto houver humanidade... ninguém soltará a mão de ninguém!

Parte I

Amostras



...e no meio do caos da pandemia
eu poetizo
tu poetizas
poetizamos-nos.



Ilustração de Laura de Paula.

Anotações pandêmicas

É concreto, mas eu planto!
Rego meus próprios pés
Piso sem firmeza no chão
Viajo em nuvens mal conectadas
Retorcidas entre paredes mal pintadas
Crescer para alcançar o interno
Várias e diferentes raízes
Sozinha, falo no vácuo da cozinha
Lá fora, nada de sol
Porém, a pele arde acendida em calor
Colho o que resvala em mim
Ascende uma chama
Que seja o emergir de luz ao final do túnel!

Rosália Silva



Ilustração de Carolina Pontieri

O ano sem ar

Março

Abril

Maio

Junho

Julho

Agosto

Setembro

Outubro

Novembro

Dezembro

Janeiro

Fevereiro

Março

E continua faltando ar...

Mais um ano...

Até quando?

Solimária Lima



Ilustração de Laura de Paula.

Da minha boca: gratidão

Na pandemia a dor escondida gemia
casas, materialismos e seguranças ruíam
a voracidade das *fake news*
somava-se à fome do vírus
cada pequeno mundo se inflava de
ansiedades
desequilíbrios
medo
impotência
as sofrências já não significavam
apenas coisas passionais
verbos no tempo passado
que é para passar
no meu pequeno mundo
num estalar de dedos
a dor se apresentou
mestres que eu mantive afastados de mim
vieram me visitar
um deles sou EU
ensaiando no Agora me mostrar:
o arco-íris
a sororidade das cores

os verdes das plantas
o estado de graça dos animais
a natureza
a reza d'alma
nuvens carregadas
são temporárias
da minha boca:
gratidão
Eckhart Tolle
no Agora
na não mente
há Existência
sem fim.

jjana leite,





Poesia visual de Carolina Pontieri

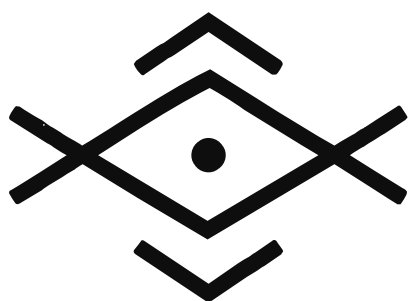
Lazo e entrelace

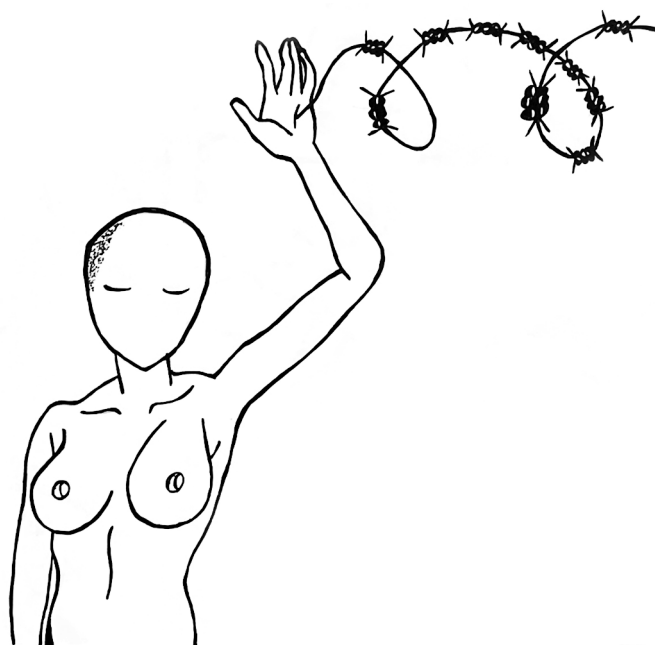
Em meio ao caos
vou me encontrando,
quem sabe, às vezes,
reeditando-me...
E foi no desencontro dessa pandemia
nessa loucura que enlouquece, enfraquece
que a gente pensou que jamais existiria...
Foi desse jeito que nossos caminhos
foram pouco a pouco se entrelaçando...
É... O desencontro formou o encontro
onde a gente agora está!
E quem diria que em momentos loucos
de choro, de incertezas e decepções...
Quem diria que justo este instante
fosse unir os nossos corações!?
E mesmo sem o calor do seu abraço,
mesmo com a distância física a nos separar,
estamos juntas, somos mais amigas,
mesmo sem o “tete a tete” nos encontramos!
E tudo isso me faz compreender
o quanto a vida tem a nos ensinar

A distância não rompe o laço nem nos impede de
[entrelaçar.
E é assim que nos tornamos fortes... sentindo...
nos sentindo...
laçando, entrelaçando...
Amando... amando... amando...
Apoiando aqui, curando ali...
Num abraço que só faz a amizade aumentar,
[aumentar e aumentar...
E a gratidão que sinto aqui no peito
só me traz uma certeza:
toda esta angústia vai passar!

P.S.: Dedicado às minhas amigas do Mestrado, amizade que nasceu e/ou se fortaleceu nas atividades remotas. Gratidão!

Elaine Márcia





autorretratos de uma ancestralidade recuperada na pandemia

conexão conexão conexão
ancestralidade retratada
em oríkìs-autorretratos

patthy pds



Ilustração de Laura de Paula.



Ilustração de Laura de Paula.

O tempo pandêmico

Temporalidade de ameaças
à conquista de direitos sociais
ameaçando conquistas do direito à vida,
ao direito de lutar e protestar por dias melhores
na saúde, na educação, na reforma agrária,
junto ao povo tradicional
(...)

Só resta o exercício da plena palavra esperar
(...)
em dias, meses e anos melhores que estão por vir
acreditando na resistência de sempre lutar (...)

Cledenice, Blackman

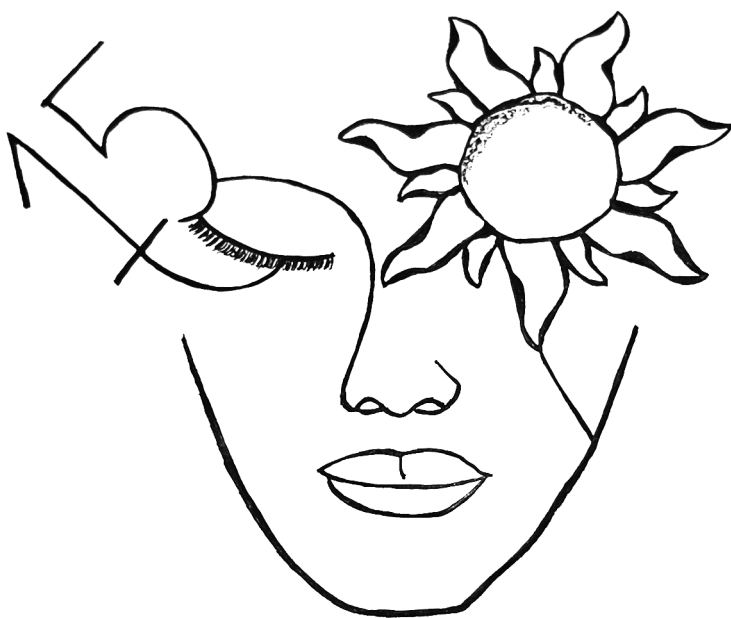


Ilustração de Laura de Paula.

I

Quinze gotas de felicidade,
sempre às quatro da tarde.
Sinto sua vida na pele,
vejo o tempo agora e depois!
Salve Sol,
sinto saudades suas,
silêncio,
sopro,
suor,
saliva,
sinfonia!
Dias 3 e 99.

Dennis Weber



Ilustração de Laura de Paula.

Aconchego de vó

Sinto falta do seu olhar,
do seu sorriso, do seu abraço.
Sinto falta de cantar e rezar ao seu lado.
Sinto falta da casa defumada com guiné
e alfazema.
Sinto falta da comida simples, da mesa farta
e das conversas na cozinha.
Muitas vozes, muitos risos,
muitos choros, muitos sonhos!!!

Sonhos que se firmavam na fé, na luta,
na força da vó.
Mulher aguerrida, guerreira
sempre pronta para começar.
Era bom saber que estava lá,
atenta, pronta para conversar e ajudar.

A saudade machuca,
mas meu coração acalma quando te encontro
em meus sonhos
quando apareces para me abençoar.
Quando tudo se ilumina ao meu redor.



Me sinto abraçada quando escuto
suas músicas preferidas,
quando sinto o cheiro do perfume que usava,
quando encontro um retrato seu.
Mas, é no som do atabaque
que meu coração vibra
e torna mais forte as lembranças das rodas
de cura, caridade e amor.

Hoje, também vivo a experiência de ser vó,
de cuidar, educar, abraçar e aconchegar
minhas pequeninas.
A pandemia nos deixou isoladas,
mas aos poucos fomos retomando
o nosso lugar de acolhimento.

Zuila Santos



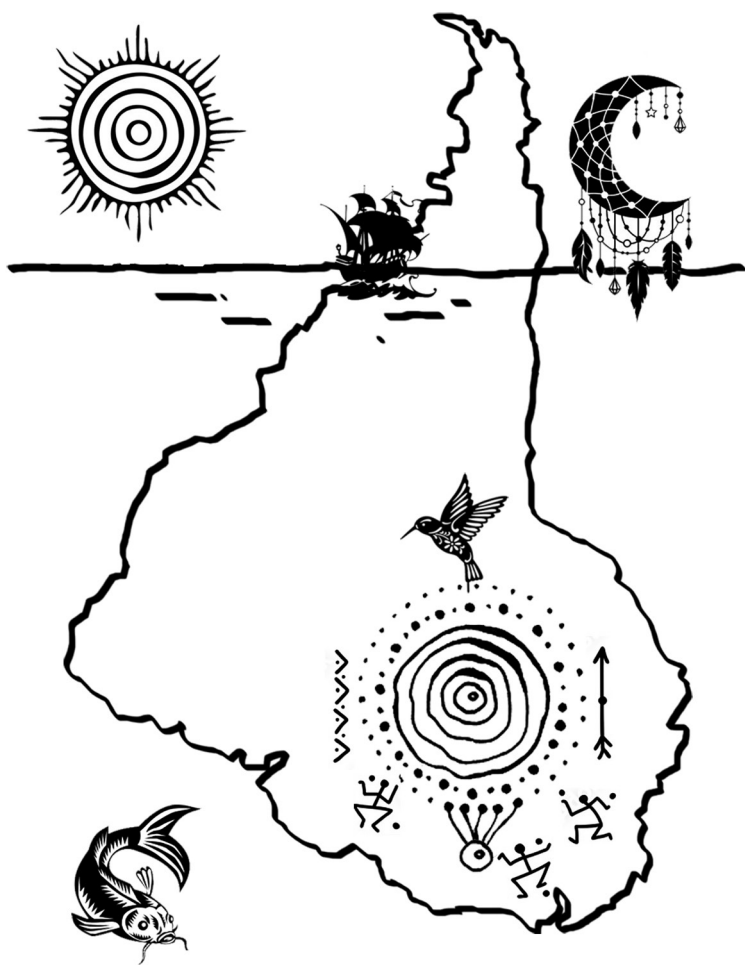


Ilustração de Romus

Despensando

De repente ela chegou
desmatou, estuprou, silenciou
A seringa caiu
do corpo das indígenas se apossou
A terra negociou
a voz silenciada
a legitimidade deslegitimada
A criança os comparou
nem esperança lhes deixou
Destruição
desumanização
indiferença
se apossam até da crença
E ainda quer ser idolatrada
a modernidade boa
que nada!
É uma grande desalmada...

Francisca Lusil

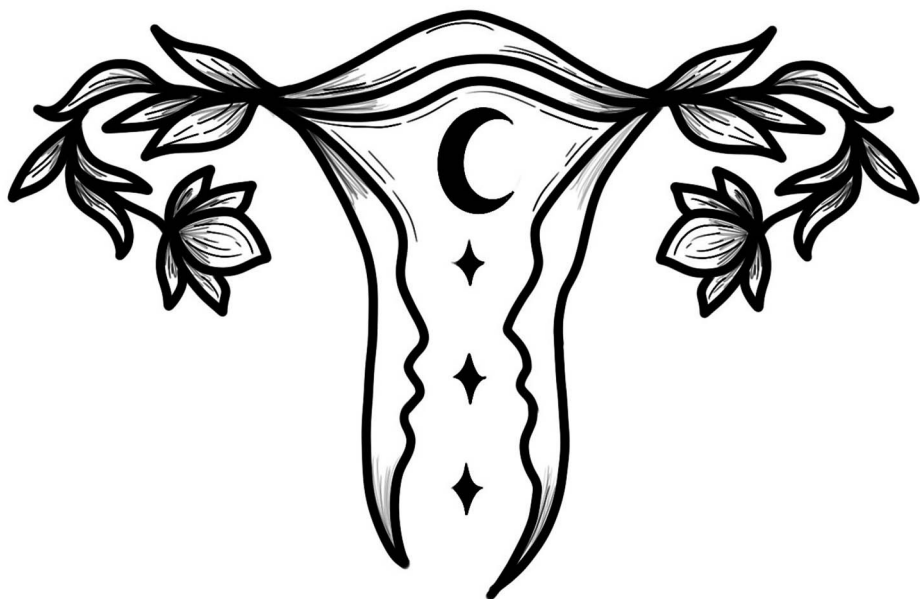


Ilustração de Carolina Pontieri

O ventre de Gaia gera rosas

Como os galhos da roseira que se entrelaçam
e em meio a espinhos, perfumes e cores
ganham força e se perpetuam
assim somos nós, Mulheres-Rosas:
somos raízes
somos galhos
somos espinhos,
cores, pétalas, flor e botão!

Como útero de Gaia
que gesta e sustenta a Vida
neste mundo Fogo
Terra Água e Ar
assim somos nós, Mulheres-Deusas
gestando seres e poemas
transgredindo algemas
bronzeando nossas pétalas
que bailam com o vento solar
Somos as Rosas que adornam
Iemanjá.

Entrelace Elaine Márcia e janna leite

Parte II
Autorretratos
em Versos



Escrevivências num mundo pós 2020



Alyne Aparecida Nunes dos Santos

Tenho 21 anos. Nasci e fui criada em Porto Velho, Rondônia. Morei por alguns anos em Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia. Sou ex-acadêmica do Instituto Federal de Rondônia. Lá aprendi a enxergar minha inclinação para a escrita e comecei a desenvolver isso. Sobre mim mesma, gosto de dizer que “estou lapidando a escritora que há em mim”. Sempre fui apaixonada pela quinta arte. A escrita foi e é o motivo pelo qual ainda respiro. Respiro para sobreviver, escrevo para viver.

Conectar,
desconectar.
Escrever e apagar.

Conectei-me com você

Falhar?
Tentar mais uma vez
sem saber
se vingará.

(des)REconectei-me com você

Papéis amassados transbordam o lixo

Nas tentativas de acerto,
acerto.

Acerto bem nos erros.

Erros e falhas,
tentativas fracassadas.

Concluí
(des)REconcluí mais uma vez.

Escrever
apagar
reescrever
transparecer
o que há
dentro de você.

Desafio perpétuo:
transbordar o lixo de tentativas
até que se transborde a alma.
Transbordar a essência,
transbordar a dor;
até que se transborde,
por fim, o verdadeiro amor.

(Conectei-me comigo)

Alyne, Santos

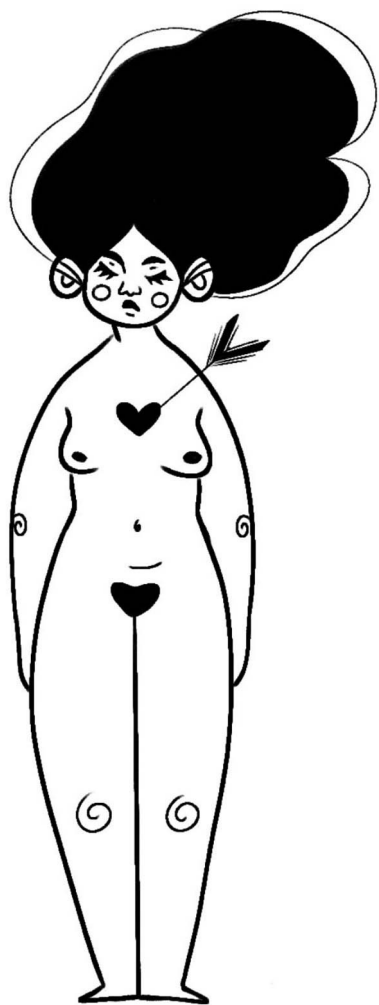


Ilustração de Carolina Pontieri



Calorina Pontieri

Durante meu crescimento percebi uma inclinação para as artes. Eu estava presente nas criações artesanais da minha vó, desde a culinária até as pinturas de panos de pratos e crochês. Isso incentivou-me para o estudo técnico e em 2018 ingressei no curso de Artes Visuais. Desde então, tenho buscado meu aprimoramento dentro do processo criativo e poético. Minha produção é diversificada, pois gosto de pintar com aquarela, fazer estudos com lápis de cor, pinturas com tinta óleo, acrílica, lettering e também faço trabalhos manuais, como a encadernação. Em 2021, iniciei estudos em arte digital, com foco em ilustração infantil.

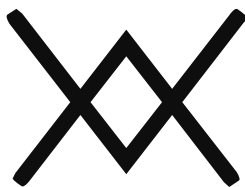
Carolina Pontieri

Carolina Pontieri

Ela diz que não é poeta
que apenas sabe ilustrar
mas a inclinação dela pras Artes
se mostra ao começar.
A semente já veio em seu SER
Menina-Mulher viestes para brilhar.
Faz poesia em cada curva
que o verso do poema dá.
Descreve em traço e vigor
delicadeza e ardor.
Ela tem sensibilidade
ela tem animação
É inteira força de vontade.
Tem opinião
instinto e criatividade
é toda carisma e cor.
Ela dá a cara, vida e forma
e os nossos versos
decodifica com amor.
Seja qual for a produção
pintar, bordar, aquarelar
o verbo se faz arte
e mostra a inspiração.

Carol, Carolina, Carolzinha
recebe nosso respeito
todo carinho e gratidão
por cada traço-poema
que retrata nossa emoção!
Que fique bem registrado
que tens um cantinho lindo
em nosso coração.

As Manas/Entrelaces de homenagem





Cledenice Blackman

Sou doutora em Educação pela Unesp, *campus* Marília. Professora de História na rede municipal de Porto Velho. Bibliotecária/documentarista no Instituto Federal de Rondônia - IFRO. Mestra em História pela Universidad Pablo de Olavide, de Sevilha, Espanha e pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Especialista em Orientação, gestão e supervisão escolar pela Fatec-RO. Escritora e produtora cultural. Pesquisadora junto ao Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias GET/IFRO e Grupo de Trabalho Relações Étnico-Raciais e Decolonialidades. Temas de investigação: imigração, historiografia, educação, identidade e cultura afro-antilhana. Descendente da quarta geração de barbadianos(as).

Escrevivências de uma menina negra,
descendente de barbadianos que viveu sua
infância à beira do Madeira (...)

Escrevivência de quem se fez mulher e construiu
com esforço e luta a história da população negra
advinda das Antilhas Inglesas durante o fim
do século XIX e início do século XX.

Escrevivência de quem
não se convenceu com pseudo-histórias
contos do dominador.

Por mais de um século tudo
nos foi apresentado sob a perspectiva colonial. As
mulheres afro-antilhanas eram invisibilizadas e
estigmatizadas como sendo “as prostitutas
de Barbados”.

Mas, no século XXI eis que surgem e ressurgem
as antepassadas de descendência afro-antilhanas.

Elas contribuíram na criação
do estado de Rondônia: professoras, musicistas,
doceiras, enfermeiras, parteiras
e tantas outras profissionais apresentadas
por esta menina descendente
que se fez mulher, professora, bibliotecária,
historiadora e escritora: Cledenice Blackman.

Cledenice Blackman





Dennis Weberton V. Gonçalves

Sou graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Especialista em Formação Pedagógica para a Docência na Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Amazonas – IFAM. Atualmente, jornalista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.

Dias-poemas enquanto atravesso a quarentena

Partir,
partir em pedaços, em cores, em dúvidas!
As letras vão surgindo num galope desenfreado,
lições dedos-cérebro e coração...
...cérebro sobrecarregado,
coração aflito,
mas “tá tudo bem”,
diz a boca sem sentir a cabeça e calando o peito.
Seguimos!
Dia 1.

A poesia que habita o canto da sua boca
é um convite para o imprevisível.
A arte que esconde a sua dor
também revela seu melhor.
Eu não tenho culpa de
pisar aqui e também
lá, no alto
daquele
céu
azul.
Dia 77.

Infinitas cores,
sabores,
amores?
Amores nos engasgam
nos enganam
e a comida vira a inimiga.
Mas o inimigo sou eu,
meu pedaço-cérebro
acha que é melhor
fechar esse ciclo de
desespeeeero!
Vitaminas,
vita+mina/ -vita-mim = eu durante
sem cor
sem
limite ----- corpo -----dor-----silêncio-----fome
-----medo-----vontade-----choro-----garganta
-----cérebro----fim?-----
Dia 62.

A gente não sabe a hora de parar
mas a gente também não sabe a hora de
continuar.
Estamos num tempo-espaço suspenso, interrom-
pido, quarentenado, isolado, frio, triste.

O medo me fez perder os cabelos,
me fez mais sensível,
me refez.
Dia 71.

A chance de ter alguém que olha por ti
a felicidade de ter muito mais de um querendo
o seu bem
telefonemas, conselhos, choques de realidade,
um abraço, ou um olhar sincero,
o vírus só isola aquele que se fecha,
há tantas formas de demonstrar sem chegar
perto.
Eu agradeço por mais um dia ao lado de quem
me quer bem.
Eu quero estar bem para o agora,
para o depois,
o antes eu estou aprendendo a lidar,
a ressignificar.
Terapia.
Dia 12.

Linha após linha eu
percorro os quilômetros que não
rodei, que não voei, que não tive.

São lugares que habitam meu
 mundo
 mental
são personagens que se cruzam e
 dizem “bom dia”.
Esse ano eu quis abandonar meu
 cérebro, meu corpo, meu eu,
 mas
 os livros,
os antidepressivos,
 os amigos,
 a família,
 não deixaram.
 Ainda bem.
 Dia 22.

As tuas linhas de expressão
 escondem
 e revelam ao mesmo
 tempo.
São sinais de que você viveu,
 se emocionou
 num ano de lágrimas,
 de raiva,
 de desespero.

As risadas também chegaram e,
vez ou outra,
aparecem
para dizer
“por que tão sério, hein?”.
Você é alegre-triste,
você é outro
porque se permite estar na pele dele(a).
E sofre
e sofre,
e depois volta ao seu corpo morada,
ao seu cérebro bomba-relógio!
Dias 57, 45, 180, 203.

Tela preta,
ninguém na linha?
Só escuta?
Opa, fala...
...e não se mostra.
Mas a voz se mostra,
e a gente imagina,
interpreta a ausência imagética
como cansaço.
Eu estou cansado do virtual,
e você?
Dias 220, 300, 128.

O homem-flor,
que tem pétalas na cabeça,
espinhos que aprisionam o seu coração,
e um sorriso de primavera,
pergunta:
“quando foi a última vez que você deu uma flor
para alguém?”
Dia 125.

Toda a trama que se desenrola,
que rola rio abaixo,
ou acima,
traz consigo um pouco de mim,
de você,
de todos nós.
Somos todos afluentes!
Dia 66.

Dennis Weber





Elaine Márcia Souza Rosa

Sou Mestra em Educação Escolar junto ao PPGEE Prof/UNIR. Especialista em Supervisão, orientação e gestão escolar pela Faculdade Santo André. Licenciada em Pedagogia pela Ulbra. Assistente de alunos no Instituto Federal de Rondônia - IFRO, *campus* Calama. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologia - GET/IFRO, do Núcleo de Estudos sobre Gênero, Linguagens e Literatura e do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Ambiental no contexto amazônico/UNIR.

Reflexos...

De repente quebrou-se o espelho
em um completo momento de caos.
Era o espelho de minha vida
e minha face ficou perdida
em meio aos estilhaços
que continuavam caindo
daqui e dali
muitas vidas se quebrando!
Segurei por entre os dedos
O estilhaço pontiagudo e afiado do espelho
e pensei: é um estilhaço
ou uma chave para a libertação?
Apertei em minhas mãos...
Doeu... sangrou...
Olhei... gritei com a força da dor do desespero...
O desespero do espelho,
o espelho - pedaço do pedaço do espelho...
Olhei...
O brilho que refletia o reflexo dos olhos meus...
Olhei de novo... mais perto...
mais perto...
Mais profundamente perto...

Foi aí que eu vi!
Bem no fundo dos olhos meus...
Refletido naquele pedaço ensanguentado do
espelho
que não por acaso era o da minha vida...
Eu vi!
O reflexo do brilho do meu olhar...
Havia vida lá!
Havia vida lá!
Uma vida que mesmo amarrotada,
dolorida e manchada pelo caos,
mesmo ensanguentada,
queria continuar vivendo!
Foi aí que eu vi...
Então eu me abaixei no chão de minha existência
e plantei flores em meio aos estilhaços!
E quer saber?
Elas floresceram!
Eu estou aqui.

Elaine Márcia

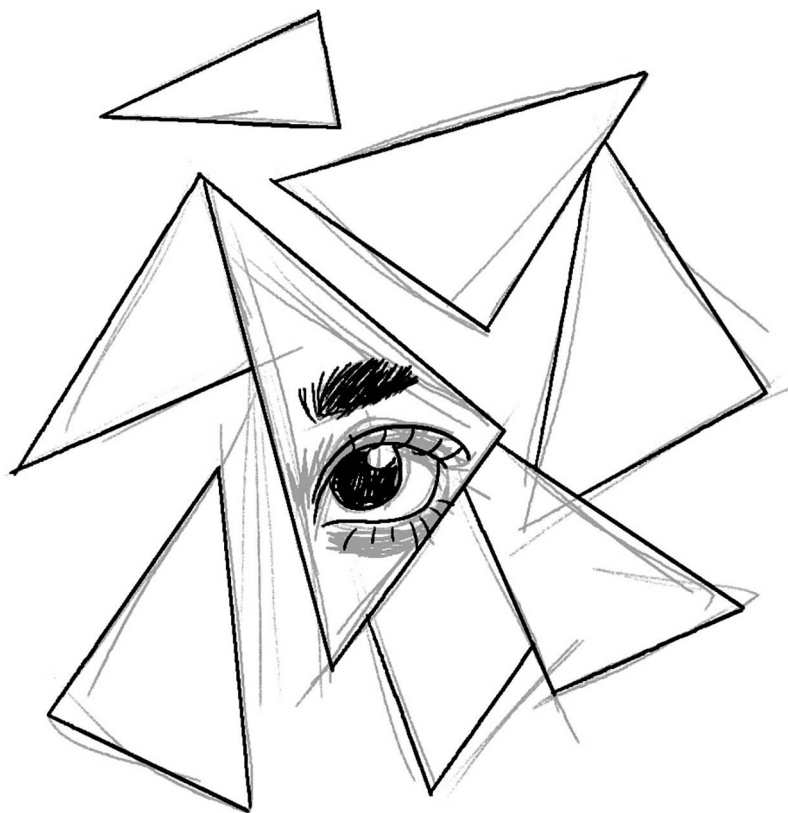


Ilustração de Carolina Pontieri

O melhor de mim

Mexendo na caixa de retratos
daqueles antigos e amarelados,
eu me vi em alguns deles...
Pele jovem... pouca idade,
olhar infeliz... vida infeliz...
Igualmente repleta de decisões infelizes.
Olho para o retrato de hoje... comparo.
Enxergo as pequenas rugas
em volta de um par de olhos
que trazem um brilho juvenil.
Observo linhas de expressão
nos cantos dos lábios que aprenderam a sorrir.
A pele já não é tão firme,
mas possui um viço
que me faz gostar mais de mim!
O “eu” de ontem - distante
e o “eu” maduro - de agora!
O “eu” que não sabia se olhar e se enxergar
e o “eu” que se acha bonita mesmo assim!
O “eu” frágil, que se sentia incapaz
e o “eu” da mulher segura de hoje,
que teve o maravilhoso encontro...

Aquele consigo mesma e gostou do que
descobriu!

É! Sou mesmo melhor agora!
A maturidade tem dessas coisas!

Elaine Márcia



Ilustração de Carolina Pontieri

Desafio: o que nos trouxe felicidade na pandemia?

Eu olho para um lado e pro outro
atenta pra encontrar.

O que esta pandemia
veio de bom proporcionar?

Me lembro do aperto no peito
do medo a nos rodear,
dos entes queridos que se foram
e da solidão a assolar.

Este medo ainda não se foi
mas é necessário falar
que em meio a tantas perdas
algo de bom posso encontrar.

Eu vejo solidariedade
e uma teia de união
um importar-se com o outro
que antes não existia não.

Eu penso nos rostos amigos
que o trabalho remoto me deu
nas palavras de incentivo
no enxergar a você e eu.

É latente o reflexo
no meio ambiente também
a Natureza agradece
o descanso que faz bem.

E na hora do desespero
eu olho bem lá atrás
tentando encontrar alento
nas experiências que a história traz.

E então converso comigo
e digo: “isto vai passar”!
E meu coração pergunta:
“Posso mesmo acreditar”?

Eu penso e reflito comigo
fecho os olhos em oração
e digo com toda certeza:
“Acredita coração”!

Elaine Márcia



Ilustração de Laura de Paula.

Minha força

Quando seu tempo deixar,
faz nevar!

Mas não deixa seu coração gelar
quando o inverno chegar!

Quando seus lábios emudecerem,
faz chover!

Deixa cair à chuva
aquela dos olhos seus.

E quando deixar chover,
que seja para fazer florescer,
não para afogar
o coração que quer amar.

Quando seu peito entristecer,
e a melancolia surgir,
faz cantar, faz sorrir!

Faça como a árvore no outono,
deixe a folha cair...

E quando você deixar
a vida em ti viver,
abra os braços, rodopie!
E então... faça florescer!

A vida é assim...
tem fases...
E enquanto vivemos
vamos aprendendo com cada uma delas...

Elaine Márcia

P.S.: Este poema nasceu depois de uma conversa via *WhatsApp* com uma amiga, quando falávamos sobre as tristezas causadas pela pandemia.

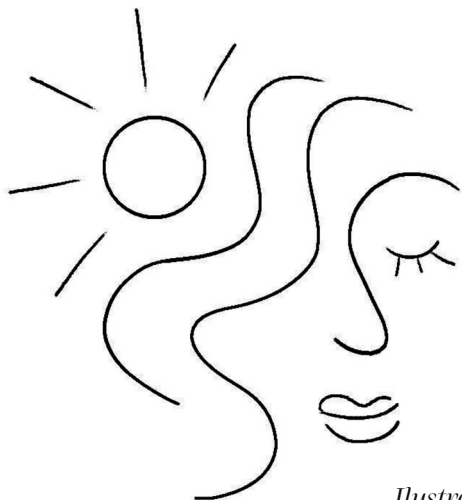


Ilustração de Carolina Pontieri

Cada palavra importa

A vida é um livro
que é escrito e revisado
a cada respirar.
No encontro, desencontro e reencontro
nas voltas que o mundo dá
e na gramática da vida
nem sempre há conjunção.
Nos perdemos em cada vírgula
ou ponto de interrogação.
E ao fazer a revisão
dessa escrita tão bonita
percebemos quanta incerteza
nos reservou essa tal vida.
Em cada palavra escrita
às vezes duas ou mais
agrupadas entre parênteses
não diminuem meus ais.
Temos certeza, às vezes
de ter escrito bonito
com perfeita pontuação.
E ao revisar percebemos
que faltou aqui e ali

em palavras bem distintas
colocar os pingos nos is.
Há momentos em que vemos
que a vida não nos livrou das reticências
e nem nos levou ao ponto final.
É aí que percebemos
a importância que há
em continuar escrevendo
e que é preciso revisar.
As concordâncias verbais,
acentos e pontuações
e a cada ação concluída
fazer e refazer revisões
principalmente nas escritas
que se referem aos nossos corações.

Elaine Márcia

P.S.: Este poema é um carinho no coração de alguém
que muito amo. Sinta-se abraçada!

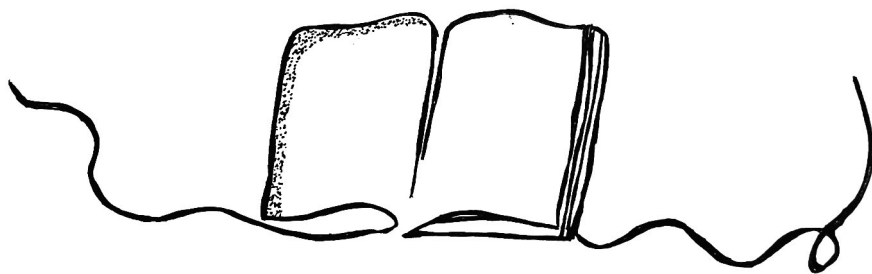


Ilustração de Laura de Paula.



Francisca Lúcia Serrão Ferreira

Sou filha de Ulisses Soares Ferreira e Carmozina Constância Serrão Ferreira. Nasci em Pinheiro, no Maranhão. Aos 18 anos erradiquei-me em Porto Velho, Rondônia, onde tive minhas filhas Shauane e Shauene. Tornei-me pedagoga, psicopedagoga e mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Assim me defino: professora, feminista e ativistas política em defesa de uma sociedade mais humana e justa para as mulheres. Tenho experiência profissional também como gestora, supervisora e tenho participado em conselhos, como o da Mulher, o de Educação e em coletivos de mulheres.

Dedada nos tempos sombrios

Medo perdera
grito é unânime
esperança desaparecera
socorro... socorro!
Vida vivida
reféns do genocida.

Uma gangue de fanáticos
irracionais, fascistas.
Negação com consciência
sem humanidade
diz não à ciência.

Sem compaixão
deixa ir a vida
nega a proteção
ódio é a missão.

Colapsou na saúde
meio ambiente
descaso na vacinação.

Sofre nossa gente
sem medidas básicas de prevenção.
Está em risco toda a humanidade
só estímulo à aglomeração
não importando a cidade.

Fortalecendo o vírus e sua proliferação
o monstruoso sem graça
mata pobres, quilombolas e indígenas...
não é ameaça, é uma desgraça!

Brasil, é hora de levantar a cabeça
e se preparar para o grande dia:
com uma dedada eliminar
o vírus e o que faz ele se proliferar...

Francisca Lusial

Sol ardente!

Só quer mandar
trabalhar, pagar, desamar.
Depara-se com o sol ardente
bem assim em sua frente.
E como fica a ilusão?
Como é ser cidadã?
Ter direitos, amar, ser amada
tudo isso é irrelevante,
inconsequente, inconsciente.
O amor, como o sol ardente
é o que mantém a gente.
Viva, sorridente e
até inconsequente!

Francisca Lusial

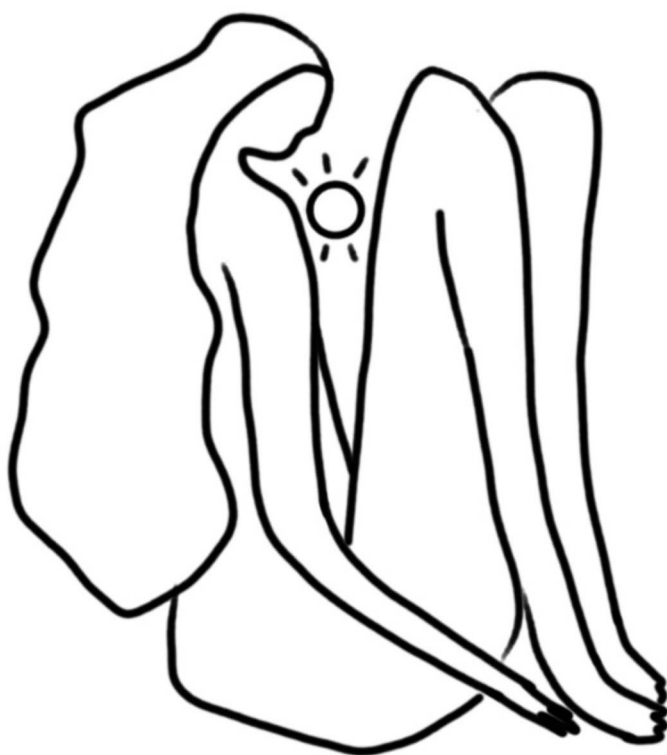


Ilustração de Carolina Pontieri

Acima do Rio Madeira

Vivendo, olhando a paisagem
às margens do Rio Madeira
ou de onde um dia foi as cachoeiras.
Que lamento a destruição
as cores misturadas
amarelo, o ouro, o cinza, o preto, o vermelho.
Tudo tão lindo, difícil de não
paralisar, admirar, pensar, amar.
É tanta beleza
que faz esquecer qualquer tristeza.
Até a destruição pelo tempo parece pequena
ilusão.
O olhar se rende, se prende,
é até difícil de acreditar
no que os olhos veem.
Pôr do sol diferente
mais lindo do mundo.
Uma perfeição, lindo, sorridente.
Quase uma ilusão, livre da destruição,
da desumanização.
Parece solidão, mas é só admiração.
É muita perfeição...

Francisca Lusil



Jjiana Leite

Nasci em Porto Velho, Rondônia e, depois dos trinta, tomei coragem para compartilhar meus escritos. Há alguns anos eu tinha a crença limitante de que escrever ou ser escritora era para poucas pessoas. Minha formação acadêmica é na área de Letras. Licenciatura e Mestrado pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Sou especialista em Metodologia do Ensino Superior e História e Cultura Afro-brasileira. Curto toda expressão artística e, em especial, a poesia. Tenho muito bem querer pelos que optaram por fazer Artes e compartilham e colorem a Vida. No pós 2020 os temas que me interessam são os relacionados ao Ser, ao Planeta, à Natureza, ao Presente (estar no Agora), à expansão da Consciência e às conexões com o Todo. Faço parte do Grupo de Pesquisas em Educação, Filosofia e Tecnologias GET/IFRO.

Lattes



Instagram



O Raiar

Espumas marítimas faziam amor
com as areias da praia em Maracaípe
natural como o alvorecer
os versos convidam a descrever
aqueles momentos do nascer do Sol
sinto desconforto e sei da limitação vocabular
como fazer ver?
as cores, cada nuance
a brisa
os compassos das batidas do coração
os silêncios sendo quebrados
pela canção dos pássaros
a minha miudez diante de um quadro estupendo
Lua e Nuvens voltadas para Ele
e agora já não eram
apenas as espumas do mar e a areia que se fundiam
o Sol imprimia no solo os seus raios
raíavam as lágrimas com tempero do mar
meus cílios se deixavam banhar
a pele de um rosto sem máscaras
era tocada pelo calor que vivifica a cada dia
independente dos lutos e das lutas que nos distraem
Ele naturalmente
Inspira Vida.

jjana leite,

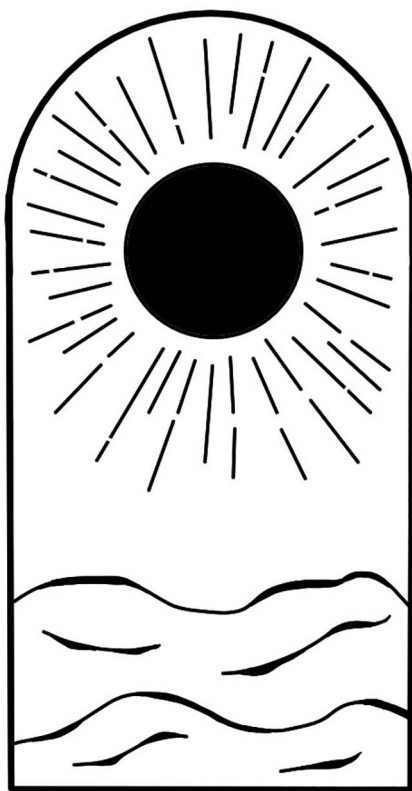


Ilustração de Carolina Pontieri

Ela
rainha do (A)mar
não podia sair de Tambaú
sem se banhar.

Água fêmea Yin
Impaciente com o modo Yang
dum mundo em óbito
entrou com todos os corpos
no mar.

Ficou empapada de energia
sal, sonhos, sorrisos
fluiu
mirando o paraíso
no colo da mãe
com vestes de azul infinito.

jjana leite,

Fumaça

embaça os olhos
lágrimas
e o anseio pelo azul mar
sol à carne viva
nasce e dorme
enevado pela:
Fumaça
na epiderme
o peso do cinza
paira no ar
o cheiro nefasto do queimar
verdes vidas interrompidas
transformadas em confetes de cinzas
que pousam nas roupas a manchar
era para emanar
perfume, limpidez
mas é
só surdez
a vida é silenciada
ao som dos estralos dos ossos
dos corpos das árvores a sangrar:
Fumaça

E o medo do meu Bem se ir
olho pela sacada do quarto andar
nosso Amor paralisou
há confetes de dias tristes e pálidos
entra na gente o ar Pesado
cheira a algo que aos poucos desintegrará
agosto inscreve em seu menu
o gosto, o cheiro, o toque, o som e as lágrimas da:
Fumaça
coloco minhas máscaras
tentando encontrar
nos pulmões das profundezas
ares da minha Alma Azul
como o Ar
onde nenhum homem
consiga trazer:
fumaça.

jjana leite, (13/08/2021)



Ilustração de Carolina Pontieri



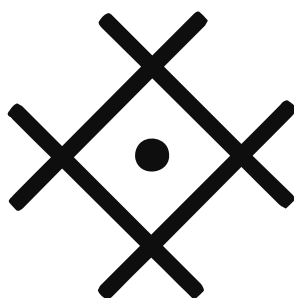
Autorretratos: Escrevendo novas páginas no mundo pós 2020

Abordagem

Foi na Quintino Bocaiúva
vidros levantados
fuga do mormaço
ar condicionado
às 13:45
se aproximou do vidro
atendi ao pedido
me apressei em baixar
estava eu no carro
ela ao deus dará
postura de rainha
olhar de reinado
perguntou se eu podia ajudar
olhos nos olhos
os dez da carteira
em suas mãos foi parar
ela roubou minha atenção
mulher forte
quantas histórias
quantos apagamentos
Ela pura melanina
se o mundo não fosse ruína.

Não só a Quintino Bocaiúva
mas todas as ruas do Porto
iriam te reverenciar
desfilas como rainha
está no DNA.

jjana leite, (18/12/2021)





Laura de Paula

2I anos. Sou filha de Guajará-Mirim, cidade na fronteira Brasil/Bolívia. Fiz o curso técnico de Biotecnologia pelo Instituto Federal de Rondônia – IFRO. Gosto de gravuras e nu artístico. A admiração pelo nu surgiu com o meu amor pelo pintor Amedeo Modigliani. Interesse-me por arte desde os 16 anos. Tive aulas com o mestre e artista plástico Carlos Alberto Bosquê.

Laura de Paula

Esta menina é sapeca
bem mais que um rostinho de boneca
carrega uma força em si
ela é resiliente.

Sabe até ser imponente
no seu jeito de expressar.

Carrega no peito a magia
e com até certa ousadia
do nu artístico ilustrar.

Nos mostra com singeleza
que a mulher, com certeza
tem espaço em qualquer lugar
só nos resta contemplar.

À arte e ao talento nato
por essa artista tão bem expressado
ao usar o "lápis e a mão"
vai aqui nosso carinho
carregado de admiração
por nos doar de seu talento
esse dom que vem de dentro
ilustrando com beldade
os poemas que aqui estão!

Compartilhe por onde for
da sua Arte e do seu sorriso de Flor.
Leve sempre dentro de você
garra, determinação e amor.

As Manas/Entrelaces de homenagem



Ilustração de Laura de Paula.



patthy pds

d'pvh. afroamazônida. poeta vaga-lume
da beira de barranco. pesquisadora de
literatura - poetry slam / slam das minas.
brujadelsurnorte.

Lattes de Patrícia Pereira



oríkì 1 – autorretrato oyá

oyá

oyá

oyá

iku

oyá

tempestades & ventos & furacões & raios.

beleza intempestiva que renasce em mim

na natureza

relâmpago

mulher

relâmpago

oyá do rio Nigér

kemet

terra-preta

beleza do húmus que transpira em mim

seus eggúns, mamãe

oyá

oyá

oyá

orisha do iruka
com seu escudo
espada
lenços

de beleza ventania, que em mim preserva

com força do búfalo e a delicadeza de
[uma borboleta, oyá

oyá em mim é eu
com olhos de fogo
é quente e ventania

é força e elegância

é luta e afabilidade

deusa dos ventos, que de mim e em mim evoca
[e transfere a beleza-oyá.

patthy pds (07/12/2021)

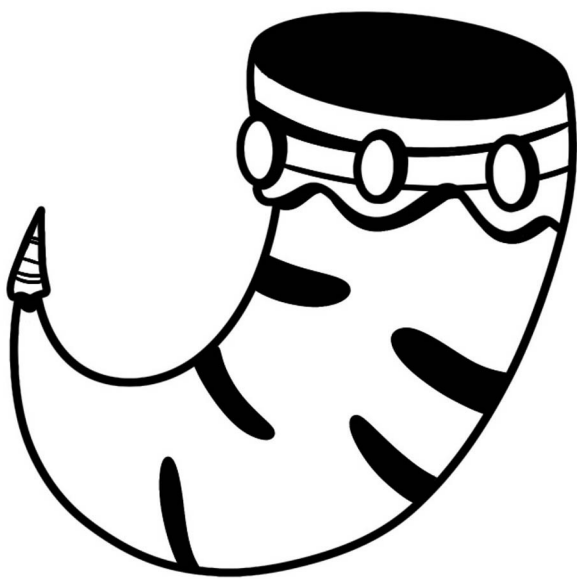


Ilustração de Carolina Pontieri

oríki 2 – autorretrato oxum

os atabaques soaram
abrindo a travessia.

ancestralidade é travessia:
cantos, batuques, dança.

encruzilhadas de travessias

vestida de branco e amarelo,
balaio na cabeça cheio de flores

oxum se apresentou e dançou no xirê.

ora iê iê ô!

oxum é fertilidade e o futuro;
águas de rios e cachoeiras;

fluida
corrente
fluida &
corrente

mulher, eu-mulher, subversiva
oxum é a mulher que,
reverte as estruturas de
poder e riqueza

em nossas pequenas áfricas
dentro mim-nós

oxum nos ensina
compreensão
generosidade
justiça

uma boa iya
companheirismo & parceria
em seus filhos seus

de sua fertilidade a visões do futuro
guarda minha gestação, do meu eu ser/estar
[no mundo filha, mãe, filha de mamãe

sou água, sou rio, sou cachoeira

& ancestral &
corrente

cheiro de cachoeira
mamãe vive em mim

na água que jorra de mim.

patthy pds (07/12/2021)



Ilustração de Carolina Pontieri

oríkì 3 – autorretrato iemanjá

yeye oman ejá

de nação yorubá

filha de olokun, mãe-minha, minha deusa do mar

por pedras marinhas e conchas,

axé

mãe das mães

matriarca-mãe

mulher-mãe

oceano-mãe

rainha do mar, deusa do oceano, azul-mar

janaína, janaína, janaína

te ofereço esse ebó de palavras poéticas, em que

te autorretrato me retratando

o meu corpo em ondas, dança pra ti e pra mim

odóia!

odó iyá !

receba meu bori

minha
iyá orí.

eu em ti sou as águas do mundo, do mar,
[do além-oceano.

patthy pds (07/12/2021)

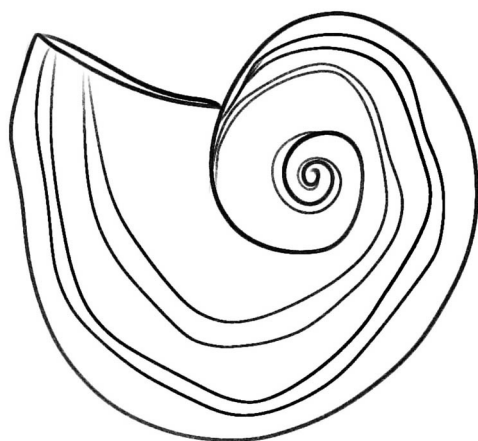


Ilustração de Carolina Pontieri

oríkì 4 – autorretrato nanã

salubá!

salubá!

salubá!

deusa dos mistérios

mulher criação do mundo

a terra,

terra-preta-mãe

senhora dos búzios

entre a morte, a fecundidade e a riqueza.

grande “mãe” velha?!

és memória ancestral do nosso povo:

mãe antiga

iyá agbà

é princípio, meio e fim; o nascimento, a vida

[e a morte //

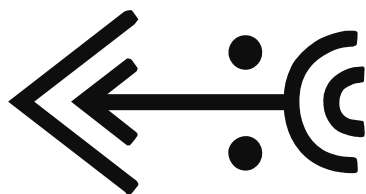
origem e o poder.

nanã é a história da terra,
água parada, água da vida e da morte...
é começo porque nanã é o barro
dona do axé
senhora dos ibás
permite o nascimento do meu eu-renascimento
mãe maior
luz que nos guia nestes tempos
em ti eu morro e renasço
em mim, nasce vida
terra
adubo e
germino
me abençoa deusa das chuvas, da lama e da terra,
[porque sou terra
quente e úmida
soy terra

patthy pds



Ilustração de Carolina Pontieri



Rosália Aparecida da Silva



Atuo como jornalista na Assessoria de Comunicação e Eventos – Ascom/Reitoria/IFRO. Integro o Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias – GET/IFRO e o Grupo de Estudos Integrados sobre a Aquisição da Linguagem – GEAL/UNIR. Sou mestra em Letras pela UNIR (2018). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFMS (2000). Especialista em Administração Pública pela Fortium (DF) e em Jornalismo Empresarial e Assessoria de Imprensa pela Faculdade Santo André/Multiron (RO). Sempre curiosa, busco novos conhecimentos. Passei a pandemia interessada em isolamento, livros, lives, defesa de direitos, amigos, família, proteção e saúde. No ano de 2020, finalizei, ao lado da equipe integrante e de bolsistas, o Projeto de pesquisa Observatório de Mídia, institucionalizado em 2019 junto à Propesp/IFRO. Em 2021 concluí o curso de Formação Pedagógica para Gradados não Licenciados (IFRO/UAB) e cursei a disciplina História das Ideias Linguísticas com a Profa. Dra. Eni Orlandi no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Unemat.

Lattes de Rosália Aparecida da Silva



Dialogando

Paulo Freire, agora com um século de existência completa, nos convida a esperar. Não a espera tranquila das horas.

E, sim, a conjugar o verbo. Lutar pelo devir de um mundo novo. Superar o admirável naturalizar das desigualdades. Erguer o novo homem e a nova mulher. Cristão como ele era, jamais pensaria em chegar ao paraíso desacompanhado de todos os demais.

Coisa estranha para os tempos nutelas de hoje, ou mesmo do passado. Em que o que se diz acreditar no Senhor serve a descabidos orgulhosos de armas em mãos, descartando a necessidade real de salvar almas. Não qualquer alma, mas aquela que não é reflexo de mim e, portanto, se batiza de o Outro.

Rosália Silva



Ilustração de Carolina Pontieri

Mulherio

Como se faz uma mulher?
Amassa e assa um pão?
Como se encoraja uma mulher?
Leva para uma reunião?
Como se lança uma mulher?
Cola adesivos e expõe cada senão?
Como quebra o silêncio que rodeia uma mulher?
Faz perguntas sem respostas para dizer NÃO?
Como se levanta uma mulher?
Cada uma sem soltar da sua mão?
Como se define uma mulher?
Ah, se tivesse uma única solução!

Rosália Silva



Ilustração de Carolina Pontieri

Deve estar ventando na minha cabeça...

O vento despenteava sua alma. Por mais que usasse de escova, sempre diziam que estava espatifada. No início, se preocupava muito. Na escola, ainda quase criança, usava arrumar-se antes de sair para o recreio, e a chamavam vaidosa. Nunca, na verdade, pensava nisso. Depois da fase adolescente, ao rebelar-se, prendeu as mechas dos dias cotidianos em arcos e presilhas. Pensava poder domesticar para agradar terceiros. Na fase das “xuxinhas”, os fios de pensamento eram tão ralos que se soltavam aos poucos. Passadas quatro décadas parou de dar importância aos ouvidos. Preferiu escutar coisas importantes, como o som de asas de borboletas e gemidos de cigarras, ou gritos de araras, papagaios e periquitos. Seria considerada insana. Ainda bem que havia deixado de observar os que seguiam as receitas sociais e de colocar atenção no burburinho de bocas que pouco diziam. Viver exigia parar de se apegar a tantos detalhes, no fim, inúteis. E aí estava uma pandemia toda para mostrar isso.

Rosália Silva

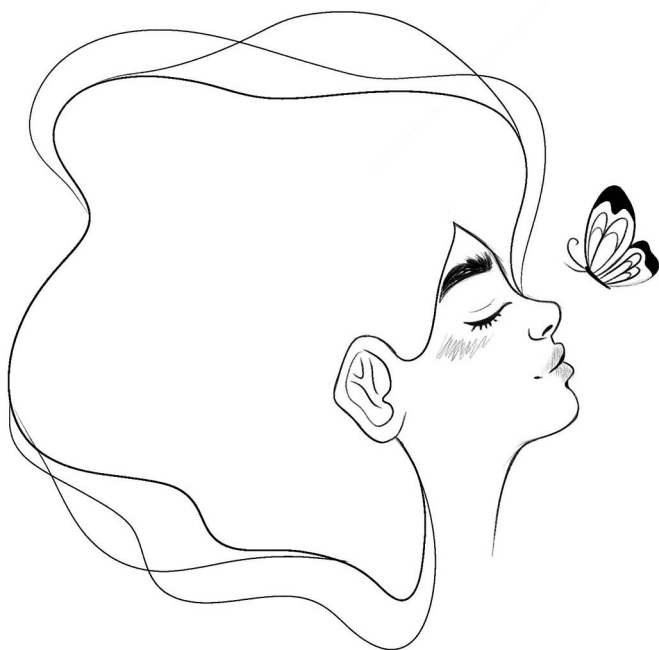


Ilustração de Carolina Pontieri

Sobrevivendo

Os passos do corredor a incomodavam. Sua sensibilidade havia aumentado naqueles dias em que sua convivência com a alvenaria estrutural havia se estabilizado. Até mesmo seus próprios barulhos a incomodavam enormemente.

Mas seu espírito era falante demais para a deixar calma. Ioga, Pilates, meditação, até conseguiu breves momentos de “paz” interior. Uma pena sua guerra ser infinita para que seus próprios ataques cessassem. No fim, pensava como a poeta: a gente se acostuma sem dever se acostumar.

Rosália Silva

Pular amarelinha

Ir do inferno aos céus
Um, dois, três...
Catar as pedrinhas e acertar as contas das Cinco
Marias
Fazer gol com a bolita, atirando a bola de gude
no centro marcado
Pique e esconde “Chicotinho queimado, 1,2,3,4...”
Sair da corda sem pegar o foguinho
É...
Todos os dias a vida quer da gente essa coragem
de voltar a ser criança
Desafiar os problemas
Sem deixar a peteca cair
Nem acertarem sua latinha de Bets
Três, dois, um!
Correr e gritar:
— Rosália, salva!

Rosália Silva





Solimária Lima

Sou técnica em Assuntos Educacionais junto ao Instituto Federal de Rondônia – IFRO. Atuo na área administrativa. Sou licenciada e mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Formei-me também em Direito. Nasci e cresci em Porto Velho, mas gosto de conhecer todos os lugares que puder. A leitura sempre me foi motivação pessoal, desde os 3 anos. Nunca mais parei de estudar. Atualmente, ensaio a produção de poemas junto a este grupo lindo de mulheres. Estou esperançosa do fim da pandemia. Participo do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias – GET/IFRO.

Lattes



Dentro de casa

Mas os pensamentos não
esses divagam...
Isolamento e solidão
medo e angústia
dor e aflição
fragilidade e impotência
ansiedade e abandono
Morte
Luto
Caos
Rondam...
dentro de todas as casas
dentro de todas as pessoas
mas em meio ao pandemônio
resta apenas esperar pela cura
dentro de casa.

Solimária Lima

Respirar

De toda a correria
veio a tal de pandemia.
Só nos resta a nossa própria companhia
e respirar!

Solimária Lima



Ilustração de Laura de Paula.

Networking Viral

Contatos online
reuniões online
encontros online
estudos online
festas online
uma vida online
e um vírus à espreita...

Solimária Lima

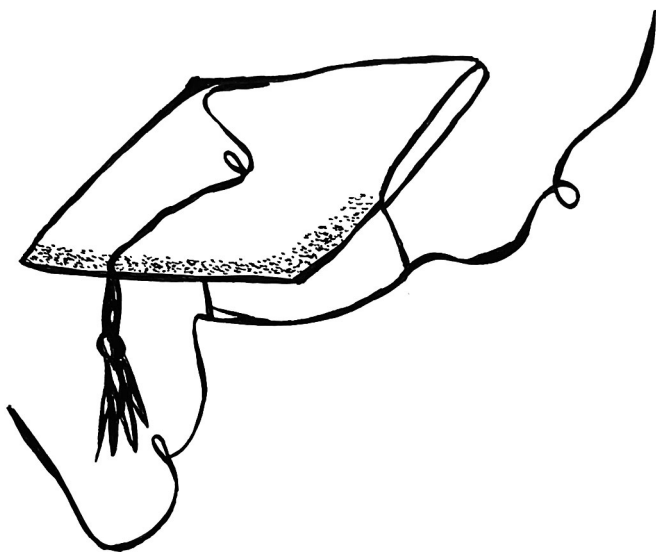


Ilustração de Laura de Paula.

No dia em que a Terra parou

O trânsito parou
O trabalho parou
A indústria parou
A escola parou
A igreja parou
Só o vírus não parou
Esse se multiplicou...
E nada mais foi como antes...

Solimária Lima

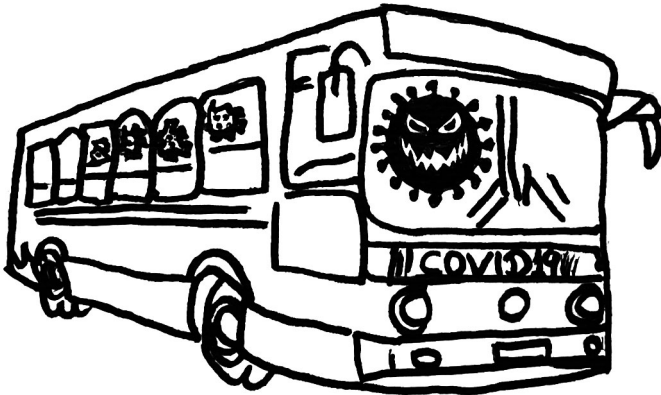


Ilustração de Laura de Paula

Hipocondríaco

E agora?

Que não posso mais tocar em nada sem lavar a
[mão?...

Sabão...

Álcool em gel...

Sabão...

Eu que já vivia uma alucinação...

Agora mil vezes mais....

É tanta lavação

e uma espera...

Vacinação!

Solimária Lima

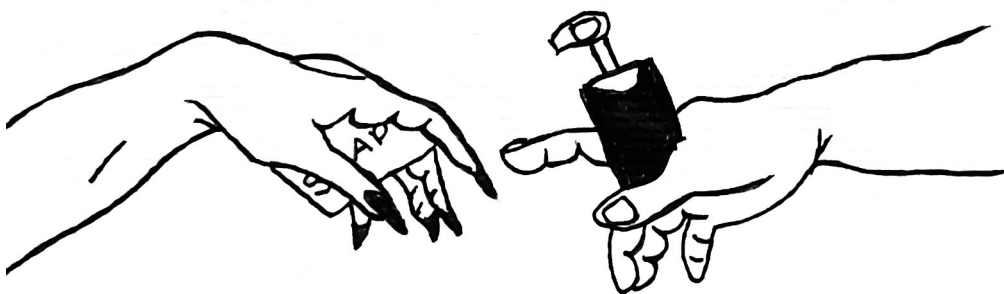


Ilustração de Laura de Paula



Luíla Guimarães Cova dos Santos

Sou professora pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), vinculada ao Departamento de Ciências da Educação de Guajará-Mirim/Rondônia. Sou doutora em Geografia pela UFPR, mestre em Ciências da Linguagem pela UNIR, graduada em Pedagogia pela UNIR. Sou líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas – GEIFA/UNIR, pesquisadora vinculada ao GEP-FRON/UNIR e GET/IFRO. Atuo na formação de professores, desenvolvo projetos de pesquisa e extensão sobre a educação em regiões de fronteira internacional, currículo interculturais, políticas e práticas escolares de ensino e acolhimento a estudantes imigrantes.

Os Andes

A grande cordilheira cravada na América do Sul,
uma magia sem igual.

Magia das florestas, das águas, dos ventos,
do gelo, do degelo da força vital,
Da nossa Pachamama, mãe terra, mãe natureza,
mãe universal!

Montanhas sagradas, onde a vida segue
em ritmo lento e atento.

Vidas que se aquecem que resistem,
insistem e persistem em ficar.

Quantos são? Ninguém sabe! Vivem nas alturas,
plantando, colhendo, caçando, tecendo.

Vivem em sintonia com algo muito maior,
para além da vida, para além do criar;

Sol, frio, cheiros, cores, sabores, músicas, danças,
rituais, a poética andina.

Paisagens que encantam, inquietam àqueles
que trilham os caminhos da colina.

Conhecer os Andes, as histórias, as memórias,
transformou meu olhar de menina.

Fez meu coração pulsar mais forte,
me fez querer sentir o vento,
o frio, a força desse lugar.
Uma força que transcende tempo e espaço, noite
e dia, e nos mostra o verdadeiro sentido
de AMAR.

Zuila Santos





Temática
E D I T O R A

Fale conosco através do
QR-Code, adicionando-nos aos
seus contatos WhatsApp, via
escaneamento pelo smartphone.

